

TRIAGEM DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES E NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA EM ESTUDANTES DE MEDICINA

Amanda Godinho Balisa Almeida¹, Ana Beatriz Paixão Fernandes¹, Izadora Vieira Durães¹
Maria Clara Bandeira Ribas¹, Marina Teixeira Carvalho de Abreu e Silva Bailo¹
Synara Xavier Ruas¹, Marcos Vinícius Macedo de Oliveira²

RESUMO

Introdução: Transtornos Alimentares (TA) são condições psicopatológicas prevalentes na sociedade, principalmente no sexo feminino e possuem relação com práticas de exercícios físicos. A análise da prevalência dos transtornos alimentares em estudantes de medicina, praticantes ou não de exercícios físicos, é importante pois estes estão ligados a fatores de risco como: indivíduos jovens, alimentação inadequada e incorreto controle do peso. **Objetivo:** Analisar a triagem dos transtornos alimentares e o nível de atividade física em estudantes de medicina. **Materiais e Métodos:** Adotou-se uma abordagem transversal com avaliação de 279 estudantes de medicina, no 2º semestre de 2023. A coleta de dados foi realizada por meio de formulários Eating Disorder Examination Questionnaire, Questionário Internacional de Atividade Física e um questionário sociodemográfico, aplicados presencialmente. **Resultado:** Com base na análise dos dados realizada pelo SPSS, a amostra foi homogênea em relação ao sexo. A maior parte dos estudantes é fisicamente ativa e não possui quadros sugestivos de transtornos alimentares. Observou-se uma prevalência de transtornos alimentares na amostra de 10,8%. **Conclusão:** Hábitos alimentares inadequados podem ter relação com faixa etária, sexo feminino, padrões de corpos e familiares, entretanto, esse padrão não foi observado neste trabalho. Assim, sugerem-se investigações posteriores mais específicas para os diagnósticos. Dessa forma, os transtornos poderão ser rastreados mais precocemente, gerando um diagnóstico e um tratamento mais eficaz.

Palavras-chave: Transtornos da alimentação. Comportamento alimentar. Estudantes de medicina.

1 - Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário FIPMOC (Unifipmoc), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

ABSTRACT

Screening for eating disorders and physical activity level in medical students

Introduction: Disorders Alimentary Disorders (AD) are psychopathological conditions prevalent in society, especially in females and are related to physical exercise practices. The analysis of the prevalence of ED in medical students, whether or not they practice physical exercise, is important as they are linked to risk factors such as: young individuals, inadequate diet and incorrect weight control. **Objective:** To analyze the screening of eating disorders and level of physical activity in medical students. **Materials and Methods:** A cross-sectional approach was adopted with the evaluation of 279 medical students, in the 2nd semester of 2023. Data collection was carried out using the Eating Disorder Examination Questionnaire, International Physical Activity Questionnaire and a sociodemographic questionnaire, applied in person. **Result:** Based on data analysis performed by SPSS, the sample was homogeneous in relation to gender. Most students are physically active and do not have symptoms suggestive of AD. A relatively high prevalence of AD was observed in the sample (10.8%). **Conclusion:** Inadequate eating habits may be related to age group, female gender, body patterns and family members, however, this pattern was not observed in this study. Therefore, further more specific investigations for diagnoses are suggested. This way, disorders can be tracked earlier, generating more effective diagnosis and treatment.

Key words: Eating disorders. Feeding behavior. Medical students.

E-mail dos autores:
amanda.galmeida@aluno.unifipmoc.edu.br
anapaixaofer@gmail.com
izadoravd@gmail.com
clararibas10@hotmail.com
marinabailo2@gmail.com
synara.ruas@aluno.unifipmoc.edu.br
mvmoliv@gmail.com

INTRODUÇÃO

A alimentação é um comportamento que envolve múltiplos processos como a cognição, pensamentos, sentimentos, crenças e princípios do indivíduo (Muzy, Ganen, Alvarenga, 2023).

Os Transtornos Alimentares (TA) são estados psicopatológicos com desvios do comportamento alimentar e alterações fisiológicas, enunciados pela quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) em seis tipos, dentre eles a anorexia nervosa (AN), a bulimia nervosa (BN) e a compulsão alimentar (CA) (Gil e colaboradores, 2022).

Os transtornos alimentares estão presentes em mais de 30 milhões de pessoas, impactando de maneira direta na saúde psicossocial e física do ser humano (Braz, Aquino, Oliveira, 2023).

Um estudo realizado em Recife - Pernambuco - analisou 23 artigos que abordam a prevalência dos distúrbios alimentares. A partir deles, concluiu-se que o sexo feminino é o mais prevalente e que diversos tipos de pessoas podem ser acometidos, até mesmo por mais de um transtorno.

Além disso, o estudo supracitado destacou que cinco pesquisas foram dedicadas a universitários da área de saúde, representando a importância da abordagem desse tema com relação a esse grupo (Ferreira e colaboradores, 2022).

Reitera-se que a valorização da cultura da beleza tem uma relação intrínseca com o desenvolvimento dos transtornos alimentares, uma vez que induz uma busca por padrão imposto socialmente, e, como consequência, surgem os problemas relacionados à imagem, que acarretam os transtornos alimentares.

Ademais, os autores deste estudo, ressaltam questões hereditárias como possíveis fatores de risco para transtornos alimentares (Figueiredo e colaboradores, 2022).

Além disso, alguns fatores se associam com o desenvolvimento dos transtornos alimentares, como o sexo feminino, a obesidade, insatisfação corporal, desejo de perda de peso e a prática de exercícios físicos (Valdanha-Ornelas, Santos, 2016).

Apesar dos benefícios explícitos dos exercícios físicos à saúde física e mental, a sua prática está frequentemente associada à perda de peso e objetivos estéticos, havendo risco de

aumento da insatisfação corporal, especialmente em indivíduos predispostos, ou seja, com anormalidade de comportamentos alimentares (Valdanha-Ornelas; Santos, 2016).

Demandas psicológicas, que estão atreladas ao peso, como a ansiedade, predispõem a adesão de hábitos alimentares desequilibrados, que podem evoluir para uma compulsão ou restrição da alimentação (Lima e colaboradores, 2022).

A prevalência de transtornos alimentares tem aumentado significativamente nas últimas décadas, tornando-se um problema de saúde pública em todo o mundo, porém existe carência de estudos nacionais evidenciando dados em relação à incidência e à prevalência desses transtornos (Valdanha-Ornelas, Santos, 2016).

Estudantes de medicina encontram, em um contexto de faixa etária jovem, experiências alimentares inadequadas e atitudes incorretas para controle do peso corporal. Estes são importantes fatores de risco para o desenvolvimento dos transtornos alimentares (Yesildemir, Tek, 2022).

O presente trabalho objetivou avaliar a triagem de transtornos alimentares em estudantes de medicina, considerando a associação de prática ou não de atividade física com fatores sociodemográficos.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo adotou uma abordagem descritiva e transversal para investigar a relação entre variáveis relacionadas a transtornos alimentares em praticantes e não praticantes de atividade física entre estudantes de medicina do norte de Minas Gerais.

A população-alvo compreendeu estudantes acima de 18 anos regularmente matriculados no curso de medicina. Foram excluídos da pesquisa estudantes que preencheram incompletamente os formulários.

A amostra foi obtida de forma não probabilística de conveniência, considerando a disponibilidade e o consentimento dos participantes no momento da coleta.

A coleta de dados foi realizada por meio de três formulários de triagem impressos. Para avaliar comportamentos alimentares e preocupações com a imagem corporal, foi usado o Eating Disorder Examination-Questionnaire (EDE-Q), questionário de

triagem de transtornos alimentares, validado no Brasil (Freitas, Gorenstein, Appolinario, 2002).

O EDE-Q avalia comportamentos específicos ao longo dos últimos 28 dias, utilizando 28 itens que são pontuados em uma escala variável de 0 (nenhum dia) a 6 (todos os dias) e gera dois tipos de dados.

O primeiro dado é baseado na presença das principais características comportamentais dos transtornos alimentares em um período de 28 dias e, em outros casos, no número de episódios das práticas alimentares inadequadas. O segundo dado gera avaliações em subcategorias, que, por sua vez, são: Restrição, Preocupação com a Alimentação, Preocupação com a Forma e Preocupação com o Peso, responsáveis por refletir a gravidade dos elementos característicos dos distúrbios alimentares. Para calcular uma pontuação específica da subcategoria, as classificações dos itens pertinentes são totalizadas e o resultado é dividido pelo número total de itens que compõem essa subcategoria. Para obter uma pontuação global, as pontuações das quatro subcategorias são somadas e o total resultante é dividido pelo número de subcategorias (ou seja, quatro). Assim, caso o resultado final seja maior ou igual a quatro, poderá ser classificado como perfil de risco para transtornos alimentares (Fairburn, Cooper, O'Connor, 2014).

O Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ), proposto pela Organização Mundial da Saúde, em 1998, foi aplicado para avaliar o nível de atividade física dos participantes. O questionário é validado no Brasil e existe em duas versões: curta e longa (Matsudo e colaboradores, 2001).

A versão curta do IPAQ compreende sete perguntas abertas, as quais fornecem informações para estimar o tempo dedicado, semanalmente, a diversas formas de atividade física, como caminhadas e exercícios de intensidade moderada e intensa, além de períodos de inatividade física. O IPAQ atribui classificações, incluindo sedentário, ativo e irregularmente ativo (Mazo, Liposcki, Ananda, 2007).

A categoria sedentária abrange indivíduos que não realizam qualquer atividade física por pelo menos 10 minutos contínuos por semana. A classificação irregularmente ativa inclui aqueles que praticam atividade física por pelo menos 10 minutos por semana, mas em quantidade insuficiente para serem

considerados ativos. Indivíduos ativos são aqueles que praticam atividade física intensa por 3 ou mais dias na semana, por pelo menos 20 minutos, ou atividade moderada por pelo menos 5 dias por semana, por, no mínimo, 30 minutos, ou qualquer combinação de atividades que totalize 150 minutos por semana.

Questionário Sociodemográfico avaliou dados sobre gênero (feminino ou masculino), faixa etária (18 a 21 anos, 22 ou mais), estado civil (casado e não casado), emprego (sim ou não), com quem reside (morando sozinho, com familiares, com amigos), ano do curso (1º e 2º, 3º e 4º, 5º e 6º), e renda familiar mensal (até 6 salários-mínimos e 7 salários-mínimos).

A coleta de dados foi realizada durante o mês de outubro de 2023, abrangendo do primeiro ao décimo segundo período do curso de medicina da UNIFIPMoc. A abordagem adotada foi ativa, ocorrendo nas dependências da faculdade durante os dias úteis da semana letiva.

Os questionários foram distribuídos antes das aulas de cada período, permitindo que os participantes os preenchessem durante o tempo disponível. A equipe de pesquisa estava disponível para esclarecer dúvidas e garantir a correta aplicação dos questionários.

As informações adquiridas por meio dos formulários foram tabuladas no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para Windows® versão 22.0. Os dados foram analisados em percentuais para distribuição de frequências para a análise descritiva das variáveis investigadas. Em sequência, foram realizados testes estatísticos inferenciais para verificar a possível associação entre as variáveis analisadas com a ocorrência de transtornos alimentares, considerando-se 95% de confiabilidade ($p < 0,05$).

A pesquisa foi realizada seguindo os preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos, apresentando parecer favorável para execução (número: 6.266.024/2023) pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário FIPMOC (CAAE: 71528523.0.0000.5109).

RESULTADOS

Entre os 279 universitários, que participaram do estudo, o sexo feminino foi mais prevalente (56,3%), bem como aqueles com 22 anos ou mais.

A maioria dos participantes não era casada, não trabalhava, residia com os

familiares, possuía renda de 7 ou mais salários-mínimos. Dentre os acadêmicos analisados, 34,1% pertenciam ao 1º e 2º anos do curso, 33,3% ao 3º e 4º anos e 32,6% ao 5º e 6º anos. Os participantes da pesquisa foram

classificados quanto ao nível de atividade física pelo IPAQ, concluindo que os fisicamente ativos corresponderam ao maior percentual, de 84,9% (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico e de atividade física da amostra de universitários do curso de medicina investigados, Montes Claros, Minas Gerais, 2023.

Variáveis	n	%
Sexo		
Feminino	157	56,3%
Masculino	122	43,7%
Idade		
18 a 21 anos	89	35,48%
22 ou mais	180	64,62%
Estado civil		
Casado	9	3,2%
Não casado	270	96,8%
Trabalha		
Sim	36	12,9%
Não	243	87,1%
Reside		
Sozinho	52	18,6%
Familiares	207	74,2%
Amigos	20	7,2%
Renda		
Até 6 salários-mínimos	99	35,5%
7 ou mais salários-mínimos	180	64,5%
Ano do curso		
1º e 2º	95	34,1%
3º e 4º	93	33,3%
5º e 6º	91	32,6%
Nível de atividade física		
Ativos	237	84,9%
Irregularmente ativos	24	8,6%
Sedentários	18	6,5%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 2 - Análise de associação entre as variáveis estudadas e o quadro clínico associado a transtornos alimentares nos universitários do curso de medicina investigados, Montes Claros, 2023.

Variáveis	Perfil sugestivo de transtorno alimentar		Valor p
	Ausente	Presente	
Sexo			>0,999
Feminino	140 (89,2%)	17 (10,8%)	
Masculino	109 (89,3%)	13 (10,7%)	
Idade			0,105
18 a 21 anos	84 (84,8%)	15 (15,2%)	
22 ou mais anos	165 (91,7%)	15 (8,3%)	
Estado civil			>0,999
Casado	8 (88,9%)	1 (11,1%)	
Não casado	241 (89,3%)	29 (10,7%)	
Trabalha			>0,999
Sim	32 (88,9%)	4 (11,1%)	
Não	217 (89,3%)	26 (10,7%)	
Reside			0,864
Sozinho	49 (94,2%)	3 (5,8%)	
Familiares	180 (87%)	27 (13%)	
Amigos	20 (100%)	0 (0%)	
Renda			0,687
Até 6 salários-mínimos	87 (87,9%)	12 (12,1%)	
7 ou mais salários-mínimos	162 (90%)	18 (10%)	
Ano do curso			0,188
1º e 2º	82 (86,3%)	13 (13,7%)	
3º e 4º	83 (89,2%)	10 (10,8%)	
5º e 6º	84 (92,3%)	7 (7,7%)	
Nível de atividade física			0,368
Ativos	214 (90,3%)	23 (9,7%)	
Irregularmente ativos	19 (79,2%)	5 (20,8%)	
Sedentários	16 (88,9%)	2 (11,1%)	

Fonte: Elaborada pelos autores.

O EDEQ Global demonstrou que a maior parte dos estudantes não possui um quadro que sugere algum transtorno alimentar, correspondendo a 89,2% (249) dos entrevistados, apenas 10,8% (30) cursam com possíveis transtornos.

Na tabela 2, ao se analisar as variáveis descritas na pesquisa com a ocorrência de algum quadro típico de transtornos alimentares (TA), não foi identificada associação estatisticamente significativa ($p>0,05$).

DISCUSSÃO

O presente estudo avaliou a prevalência dos transtornos alimentares em estudantes do curso de Medicina em uma instituição privada no Norte de Minas Gerais.

Os transtornos alimentares causam risco à saúde física e mental do indivíduo, além de gerarem prejuízos significativos ao bem-

estar e salientarem a probabilidade de mortalidade e suicídio (Paim, Dell'Osbel, Pereira, 2022).

Tendo em vista a vulnerabilidade dessa população frente a mudanças psicológicas, comportamentais, biológicas e sociais, mostra-se importante a discussão sobre essa temática.

A prevalência dos distúrbios alimentares na população brasileira ocorre na faixa etária de 18 a 30 anos varia de 0,5 a 5%, acometendo sobretudo mulheres. As principais afecções são a anorexia e a bulimia (Reis, Júnior, Pinho, 2012).

Os resultados encontrados na atual pesquisa, apresentam uma prevalência mais acentuada, ao se tratar de estudantes de Medicina, correspondendo a 10,8% da população analisada.

Essa relação epidemiológica pode ser decorrente da elevada pressão psicológica atribuída aos acadêmicos dessa área, que

envolve cobranças pessoais, estudantis, sociais e familiares (Aidar e colaboradores, 2020).

Nessa perspectiva, no que diz respeito à prevalência dos transtornos alimentares em estudantes, as pesquisas identificam que o sexo feminino está mais associado ao quadro, como em um estudo que entrevistou 353 acadêmicos utilizando um instrumento semelhante (EAT-26), com resultados de comportamento de risco em 27,3% das mulheres e 8,8% dos homens (Mazo, Liposcki, Ananda, 2007).

Na atual pesquisa, não houve preponderância em nenhum sexo, possivelmente demonstrando o aumento da prevalência de transtornos alimentares também no público masculino (Manochio-Pina e colaboradores, 2022).

A mídia exerce uma influência importante na concepção sobre beleza e o ideal do corpo perfeito, que, associados aos padrões sociais impostos, culminam em uma desordem psicológica e favorecem comportamentos de risco para transtornos alimentares, sobretudo, em mulheres (Silva e colaboradores, 2021).

Quanto menor a idade, maior a probabilidade de desenvolvimento de transtornos alimentares. Quanto ao estado civil e à renda, as pesquisas disponíveis não demonstram qualquer relação entre as variáveis e o desenvolvimento de distúrbios alimentares que justifiquem a significância destas (Paim, Dell'Osbel, Pereira, 2022).

Em contrapartida, em um estudo realizado em estudantes de medicina, em uma universidade em Goiás, alunos que trabalham e estudam representaram a maior parcela do grupo de risco. Os autores afirmam que isso pode ser explicado pela rotina exaustiva associada à falta de tempo para manterem uma alimentação adequada e prática de atividades físicas (Aidar e colaboradores, 2020).

Há correlação entre residir com familiares e a possibilidade de possuir um transtorno alimentar, podendo-se, portanto, associar à elevada pressão exercida no ambiente familiar, sobretudo os que residem com irmãos (Paim, Dell'Osbel, Pereira, 2022).

Em relação ao ano prestado do curso, ainda não há acervos bibliográficos que relacionam essa variável com quaisquer transtornos alimentares. O ciclo básico do curso de Medicina é marcado por um período de adaptação à rotina universitária e maior densidade de conteúdo teórico, portanto,

esperava-se maior prevalência dos transtornos alimentares nos anos iniciais, entretanto, os resultados obtidos mostraram que não houve diferença entre número de casos dentre os anos do curso (Kam e colaboradores, 2019).

Dentre os fatores que podem levar a comportamentos de risco, apontam-se os hábitos alimentares com dietas severas e a prática exacerbada de atividade física associada ao culto ao corpo, o que difere do resultado obtido por meio do IPAQ, já que os irregularmente ativos obtiveram maior chance de ter transtornos alimentares (Lopes, Barros, Carvalho, 2023).

Ressalta-se que este estudo não utilizou ferramentas de análise de práticas de atividades físicas. Até o momento, não existem evidências que comprovem a relação entre sedentarismo/exercício físico com o desenvolvimento dos transtornos alimentares.

É importante, no entanto, mencionar que o desenho transversal deste estudo dificulta a análise para identificação de relações de causalidade entre as variáveis investigadas e a ocorrência dos transtornos alimentares. Estudos de acompanhamento longitudinal serão importantes para identificação de diversos fatores associados aos transtornos alimentares, bem como sua especificação, não abordada no presente trabalho.

O presente estudo apresentou, em uma amostra significativa, a relação de diversas variáveis à sintomatologia de transtornos alimentares. A ocorrência de uma relativamente elevada prevalência desses quadros em estudantes de medicina deve ser mais explorada, tendo em vista que esses transtornos acarretam prejuízos na funcionalidade biopsicossocial do indivíduo (Aidar e colaboradores, 2020).

A identificação de comportamentos de risco nessa população é indispensável, uma vez que a saúde mental dos acadêmicos é essencial para a formação do futuro profissional que lida com vidas.

CONCLUSÃO

Os hábitos alimentares inadequados, apesar de prevalentes na população analisada (10,8%), não tiveram relação com a prática de atividade física, sexo, faixa etária, estado civil, emprego, com quem reside, ano do curso, e renda familiar mensal.

REFERÊNCIAS

1-Aidar, M.O.; Freitas, R.B.; Bastos, G.C.F.C.; Brasileiro, A.A.; Silva, A.M.T.C.; Almeida, R.J. Fatores Associados à Suscetibilidade para o Desenvolvimento de Transtornos Alimentares em Estudantes Internos de um Curso de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Brasília. Vol. 44. Num. 3. 2020. p. 2-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20190147>.

2-Braz, W.M.; Aquino, M.C.; Oliveira, G.F. Avaliação dos transtornos alimentares e seus impactos na qualidade de vida: Uma revisão sistemática da literatura. *Id on Line Revista de Psicologia*. Vol.17. Num. 65. 2023. p. 276-96.

3-Fairburn, C.G.; Cooper, Z.; O'Connor, M. Eating Disorder Examination. *Cognitive Behavior Therapy and Eating Disorders*. Vol. 17. Num. 1. 2014. p. 265-08.

4-Ferreira, R.S.; Santos, A.S.; Santos, F.R.; Silva, W.A.; Correia, J.M. A Prevalência dos Transtornos Alimentares na Sociedade Contemporânea: Revisão Integrativa. *International Journal of Health Sciences*. Vol. 2. Num. 1. 2022. p. 191-205. Disponível em: <https://doi.org/10.31692/2k0dvk57>.

5-Figueiredo, B.Q.; Mendes, G.A.R.; Cunha, I.I.B.R.; Dias, J.N.; Cunha, L.L.P.; Santos, L.M.S.; Silveira, M.B.N.; Oliveira, M.A.M.; Gomes, A.S.; Araújo, P.C. Transtornos alimentares: etiologias, fatores desencadeantes, desafios de manejo e métodos de triagem. *Research, Society and Development*. Vol. 11. Num. 12. 2022. p. 1-8.

6-Freitas, S.; Gorenstein, C.; Appolinario, J.C. Instrumentos para avaliação de transtornos alimentares. *Brazilian Journal of Psychiatry*. Vol. 24. Num. 3. 2002. p.34-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S15164446200200070008>

7-Gil, M.; Simões, M.M.; Cardoso, E.A.O.; Pessa, R.P.; Leonidas, C.; Santos, M.A. Percepção de familiares de pessoas com transtornos alimentares sobre o tratamento: metassíntese da literatura. *Psychology, theory and research*. Brasília. Vol. 38. Num. 1. 2022. p. 1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38417.pt>.

8-Kam, S.X.L.; Toledo, A.L.S.; Pacheco, C.C.; Souza, G.F.B.; Santana, V.L.M.; Bonfá-Araújo, B.; Custódio, C.R.S.N. Estresse em Estudantes ao longo da Graduação Médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Brasília. Vol. 43. Num. 1. 2019. p.246-53. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/19815271v43suplemen-to1-20180192>.

9-Lima, R.B.S.; Santos, W.J.M.; Ferreira, R.C.; Amaral, A.A.G.F. Fatores associados ao risco de transtorno alimentar em estudantes de centros universitários de Maceió-AL. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 16. Num. 1. 2022. p. 661-69. Disponível em: <https://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/2084>

10-Lopes, A.C.R.S.; Barros, A.K.C.C.; Carvalho, C.M.S. Prevalência de transtornos alimentares em estudantes de medicina. *Revista ft*. Vol. 28. Num. 1. 2023. p.1-4.

11-Manochio-Pina, M.G.; Fernandes, A.B.; Úbida, C.C.H.; Pessa, R.P. Comportamento alimentar de homens e mulheres com transtornos alimentares. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 12. Num. 72. 2022. p.515-21. Disponível em: <https://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/735>

12-Matsudo, S.; Araújo, T.; Matsudo, V.; Andrade, D.; Andrade, E.; Oliveira, L.C.; Braggion, G. Questionário internacional de atividade física (IPAQ): estudo de validade e reprodutibilidade no Brasil. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. Vol. 6. Num. 2. 2001. p.5-18.

13-Mazo, G.Z.; Liposcki, D.B.; Ananda, C.; Prevê, D. Condições de saúde, incidência de quedas e nível de atividade física dos idosos. *Brazilian Journal of Physical Therapy*. São Carlos. Vol.11. Num. 6. 2007. p. 437-442. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000600004>

14-Muzy, R.C.; Ganen, A.P.; Alvarenga, M.S. Adaptação transcultural do Eating Beliefs Questionnaire para o português do Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. São Paulo. Vol. 26. Num. 103. 2023. p. 1-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720230011.2>.

15-Paim, L.D.; Dell'Osbel, R.S.; Pereira, F.B. Comportamentos de risco para transtornos alimentares em universitários da área da saúde do sul do Brasil. Revista Conexão Ciência. Vol. 17. Num. 2. 2022. p. 30-45.

16-Reis, J.A.; Júnior, C.R.R.S.; Pinho, L. Fatores associados ao risco de transtornos alimentares entre acadêmicos da área de saúde. Revista Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre. Vol. 35. Num. 2. 2012. p. 73-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2014.02.42441>

17-Silva, J.A.; Lopes, S.O.; Cecon, R.S.; Priore, S.E. Comportamento de risco para transtorno alimentar em universitárias de Viçosa-MG. Revista da Associação Brasileira de Nutrição. São Paulo. Vol. 12. Num. 2. 2021. p.119-32. Disponível em: <https://doi.org/10.47320/rasbran.2021.1302>.

18-Valdanha-Ornelas, E.D.S.; Santos, M.A. O Percurso e seus Percalços: Itinerário Terapêutico nos Transtornos Alimentares. Psychology, theory and research. Vol. 32. Num. 1. 2016. p.169-79. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/18041>.

19-Yesildemir, O.; Tek, N.A. Risco de Transtornos Alimentares e Insatisfação Corporal entre frequentadores de Academias em Ancara, Turquia. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. Vol. 28. Num. 4. 2022. p. 291-94.

2 - Professor do curso de Medicina do Centro Universitário FIPMOC Unifipmoc, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Faculdade de Ciências Odontológicas (FCO), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

Recebido para publicação em 02/11/2024
Aceito em 22/02/2025